

A contribuição da homilia para uma mistagogia permanente dos iniciados à vida cristã

André Luiz Benedito ¹

Resumo: Em muitas comunidades, percebe-se nos iniciados à vida cristã uma precária instrução catequético-litúrgica, cuja assimilação praticamente se limita à fase da preparação sacramental. Ao mesmo tempo, para muitos fiéis, a homilia ainda representa o único momento de formação contínua para alimentar a fé. Nesse sentido, esta exposição busca apresentar a contribuição da homilia para uma mistagogia permanente daqueles que participam das celebrações dominicais. Os objetivos deste trabalho consistem em desenvolver a dimensão mistagógica da homilia e em situá-la no quadro de uma perene iniciação ao mistério no decurso do Ano Litúrgico. Valendo-nos de uma pesquisa bibliográfica, começaremos com a abordagem de um panorama da relação entre os iniciados e a liturgia, desembocando no tema da homilia. Em seguida, explanaremos a dimensão mistagógica da homilia, que não se refere apenas à conexão entre a Escritura e o rito, mas também faz acenos a palavras, gestos e sinais da liturgia. Por fim, elencaremos alguns exemplos de como a homilia pode auxiliar os fiéis em uma contínua experiência pedagógico-mistérica ao longo do Ano Litúrgico. Os resultados obtidos apontam que a mistagogia homilética contribui para superar o descompasso entre liturgia e catequese ao estimular os iniciados a participarem ativa e conscientemente dos ritos.

Palavras-chave: Homilia. Mistagogia. Liturgia. Iniciação Cristã.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de inculcar nos fiéis a tão desejada *actuosa participatio* nas celebrações, a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II estabeleceu como um de seus princípios a necessidade de que a assembleia compreenda o que está sendo celebrado. Passadas algumas décadas, o conhecimento dos ritos, bem como a participação ativa e consciente no mistério litúrgico ainda representam um grande desafio para as nossas comunidades. Muitos batizados até comparecem assiduamente às missas dominicais, pois elas continuam a alimentar a fé através da escuta da palavra e da comunhão eucarística. Ao mesmo tempo, porém, nota-se pouco conhecimento da riqueza e densidade dos textos, gestos e sinais litúrgicos como elementos para o crescimento da fé e da vida cristã.

Uma das formas de superar esse embaraço nas relações entre a liturgia e os iniciados está na homilia. De fato, ela é uma realidade frequente nas missas dominicais e, inclusive, constitui o único meio de formação para muitos dos que vão à celebração. Em nosso caso, porém, a problemática não se encontra nas habituais abordagens exegeticas e morais que a pregação litúrgica realiza. A sua dimensão mistagógica, isto é, a introdução do fiel no mistério celebrado será o foco desta exposição. Além disso, a constante presença da homilia no

¹ Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-Rio). Atualmente faz o estágio pós-doutoral em Teologia na PUC-SP. E-mail: katolous@yahoo.com.br

culto dominical permite que nela se vislumbre a possibilidade de se efetuar uma espécie de “mistagogia permanente” para os iniciados à vida cristã.

Dessa forma, percorreremos três etapas. Na primeira, apresentaremos um panorama da relação entre os fiéis e a liturgia. Depois de constatarmos a defasagem entre ambos, chegaremos ao tema da homilia, como um dos meios para motivar os batizados à descoberta das maravilhas da celebração litúrgica. Em seguida, abordaremos a natureza mistagógica da homilia, que não somente parte das relações entre a Escritura e o rito, mas também recorre a outros elementos como a eucologia, os gestos e os sinais litúrgicos. Por fim, depois de brevemente elucidar os fundamentos de uma mistagogia permanente a partir da homilia, elencaremos alguns exemplos situados ao longo do Ano Litúrgico. Desse modo, a perene introdução ao mistério através da pregação litúrgica contribui para os fiéis saborearem, de um modo incrível e novo, a ritualidade cristã.

1 UM PANORAMA DA RELAÇÃO ENTRE OS INICIADOS E A LITURGIA

Até a reforma do Concílio Vaticano II, a catequese e a liturgia viviam realidades paralelas: a primeira era vista como um resumo de conceitos e definições a serem decorados, difíceis de serem compreendidos e sem relação com a vida concreta do povo; a celebração litúrgica, por sua vez, era concebida como uma sequência de fórmulas mágicas a serem proferidas pelo sacerdote (CARVALHO; BARBOSA NETO, 2022). Para incrementar a participação ativa do povo de Deus nos ritos, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia estabelece a união entre os dois termos ao incentivar a prática da “catequese litúrgica”. Com efeito, “nas próprias cerimônias sejam previstos, se necessário for, breves esclarecimentos, a serem proferidos pelo sacerdote ou pelo ministro competente, em momentos mais oportunos, com termos prefixados por escrito ou semelhantes” (SC 35, n. 3).

Além disso, a Constituição Litúrgica promoveu o resgate da homilia. Esta seria agora “parte da própria liturgia” a ser realizada “no decurso do Ano Litúrgico” em que “são expostos os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir do texto sagrado” (SC 52). Vale ressaltar que o “texto sagrado” não se refere apenas ao das Escrituras, mas também aos textos eucológicos: “Deve a pregação, em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da Liturgia, sendo como que a proclamação das maravilhas divinas na história da salvação ou no mistério de Cristo” (SC 35, n. 2).

Após algumas décadas da reforma litúrgica, ainda se observa um longo caminho a percorrer em vista de uma participação plena, ativa e consciente dos ritos. Um dos motivos deve-se à exígua formação litúrgico-catequética dos que já são iniciados à vida cristã. Como resultado dessa situação, alguns fatos são evidenciados: a transformação da liturgia em espetáculo, que degenera o rito em uma experiência sensacionalista; a falta de ardor e a extrema passividade dos membros da assembleia no decorrer das celebrações, culminando no desinteresse pelos sinais sagrados; há, ainda, o automatismo na realização dos gestos, bem como a suposição de que os fiéis compreendam o significado das ações litúrgicas. Tais ocorrências

esvaziam a compreensão espiritual do rito, impossibilitando a experiência de encontro com Cristo e seu mistério e, como resultado, tornam a celebração um momento irrelevante na vida espiritual do cristão (ROLLEMBERG, 2022, p. 83; CARVALHO; BARBOSA NETO, 2022).

Os problemas acima elencados derivam, sobretudo, de dois fatores. O primeiro consiste na limitação da aprendizagem dos ritos ao tempo da catequese sacramental. Assim que celebram os ritos do batismo, da confirmação e da eucaristia, os recém-iniciados, em sua grande maioria, não mais buscam aprofundá-los durante a vida. Em consequência, levando-se em conta que muitos recebem os três sacramentos até pouco depois do início da adolescência (por volta dos 14 ou 15 anos), ao chegar à idade adulta, o fiel ainda possui uma perspectiva “infanto-juvenil” dos ritos celebrados. Em outras palavras, é como se a pessoa crescesse apenas em idade, sem que, ao mesmo tempo, houvesse uma progressão no conhecimento das ações litúrgicas.

O segundo fator refere-se à ausência da dimensão mistagógica da homilia. As orientações da reforma pós-conciliar buscaram superar o caráter puramente temático e moralizante da pregação litúrgica. Para isso, foram-lhe incrementadas três finalidades de acordo com o n. 24 dos princípios gerais do *Ordo Lectionum Missae* (“Elenco das Leituras da Missa”): a *exegetica*, isto é, o dado bíblico, pois a homilia “explica as palavras da Sagrada Escritura que se acaba de ler”; a *parenética*, ou seja, a exortação moral, uma vez que a homilia ajuda os fiéis “a viverem sempre de acordo com a fé que professaram”; por fim, a *mistagógica*, sendo que a homilia “deve levar a assembleia dos fiéis a uma participação ativa na Eucaristia”. Porém, a realidade mostra que são pouquíssimas as ocasiões em que os fiéis contemplam as três finalidades numa mesma homilia. Normalmente, há a explicação do texto bíblico e a relação deste com a vida concreta. Por sua vez, a dimensão mistagógica, isto é, a relação entre a Palavra e o rito celebrado, é exígua ou praticamente inexistente.

Para muitos batizados, a homilia é o único momento de instrução na fé cristã. Sendo assim, é fundamental que aqueles que presidem as celebrações tenham consciência e zelo para não negligenciarem esse momento privilegiado de catequese (ROLLEMBERG, 2022, p. 78). Com efeito, além dos eventos formativos propostos pela comunidade sobre temas litúrgicos e do estudo pessoal, o resgate da dimensão mistagógica da homilia é uma oportunidade para os fiéis aprofundarem os ritos celebrados. Não só pela quantidade de pessoas que já é esperada na celebração, mas, sobretudo, pelo fato de que é na experiência viva do rito que o batizado adentra o mistério. Auxiliado pela homilia que une a Palavra proclamada e o momento sacramental, o fiel experimenta ao longo das celebrações “uma iniciação gradativa e perseverante”, pois é através da palavra evangelizadora e catequética que os sinais litúrgicos vão sendo elucidados (CNBB, 2007, n. 120).

Dessa forma, aqueles que desempenham o ministério homilético se defrontam com a realidade de que uma grande parte dos que frequentam a missa aos domingos conhecem muito pouco do mistério celebrado. Urge, então, a realização da difícil tarefa de motivar essa mesma assembleia dos fiéis a conhecer um pouco mais aquilo que celebra. Um “curso de

liturgia” dentro da celebração seria inviável, pois, se ele fosse realizado dentro do rito, “seria uma catequese pobre e uma traição da celebração” (MORANTE, 2010, p. 291). Dessa forma, um caminho a ser seguido encontra-se na redescoberta do caráter mistagógico da homilia. É o que veremos a seguir.

2 A DIMENSÃO MISTAGÓGICA DA HOMILIA

O “hoje” da Palavra não se limita apenas à vida concreta. A atualização da Escritura proclamada também se efetua na celebração sacramental que se segue, de modo que a homilia também exerça a função de “passagem para o rito” (ALDAZÁBAL, 2018, p. 127). Trata-se da dimensão mistagógica da pregação litúrgica, que tem por objetivo a participação ativa dos fiéis no mistério celebrado, mergulhando a assembleia na dimensão mistérico-mistagógica da *anamnêsis* histórico-salvífica (ROMANO, 2012, p. 361).

Na ação litúrgica, a homilia torna-se a “introdutora do mistério”, isto é, toma o fiel pela mão e o faz atravessar o limiar do sinal sacramental para, enfim, proporcionar-lhe a experiência de encontro com o Ressuscitado (MAGRASSI, 1984, p. 134). Neste exercício de “*manuductio*”, a homilia possibilita aos fiéis a abertura à graça do sacramento, bem como dispõe as mentes e os corações para uma participação consciente e plena nos ritos e em seu simbolismo. A palavra transmitida pela pregação transforma a fé de um estado latente para um comportamento consciente e vivido, de forma que a assembleia compreenda e saboreie as riquezas dos gestos rituais. De fato, não raro são as pessoas despreparadas no conhecimento da dinâmica litúrgica e, por isso, precisam ser auxiliadas (BISCONTIN, 2015, p. 38-39).

Os autores da reforma litúrgica redescobriram o sentido da homilia especialmente através do movimento patrístico, que também contribuiu para as realizações do Concílio Vaticano II. Eles desejaram a reorganização do lecionário, a proclamação dos textos em língua vernácula e que as pregações fossem conectadas às leituras bíblicas e ao mistério celebrado (LAMBERT, 2004, p. 72). Desse modo, a retomada da dimensão mistagógica da homilia deve-se muito à revalorização das catequeses dos Padres da Igreja. Dirigidas aos que recentemente celebraram os sacramentos da Iniciação Cristã, elas ajudaram seus ouvintes a fazer a experiência do mistério, de modo que eles compreendessem os sacramentos à luz dos textos bíblicos e dos ritos (ALDAZÁBAL, 2018, p. 127).

Os conteúdos apresentados nas catequeses dos séculos IV e V ainda permanecem um importante subsídio para os que hoje desempenham o ministério homilético. Porém, mais do que buscar temas para a pregação, as grandes catequeses do passado transparecem o tom direto e entusiástico dos pastores, estimulando os adultos recém-iniciados a experimentar a alegria de abraçar a fé cristã (EVENOU, 2010, p. 803).

Para que uma homilia que seja mistagógica, em primeiro lugar, é necessário ilustrar e interpretar as perícopes bíblicas de modo habitual e, em seguida, demonstrar que o evento salvífico nelas descrito não se limita ao passado, mas realiza-se no aqui e agora da celebração litúrgica. Desse modo, a celebração litúrgica não será vista como uma “nova” salvação ou

uma simples repetição do que Deus fez no passado: o sacramento será compreendido como memória e participação do evento salvífico ocorrido uma vez por todas. A homilia em sua dimensão mistagógica introduz os fiéis tanto na compreensão e participação dos eventos de outrora narrados pelas Escrituras, como na compreensão e participação aqui e agora no presente litúrgico, pois tanto os textos bíblicos como a ritualidade cristã são dois momentos de um único ato salvífico (MAZZA, 2010, p. 1137).

Além da relação entre a Escritura e a celebração, a dimensão mistagógica da homilia também encontra sua fonte a partir dos textos eucológicos presentes no Missal Romano. Como mencionado anteriormente, a reforma litúrgica atribui o caráter de “texto sagrado” aos formulários, através dos quais o homiliasta apresenta as riquezas da liturgia celebrada e, assim, alimenta a vida espiritual dos fiéis. Ademais, segundo A. Catella (2010, p. 570), os textos eucológicos não impedem o dinamismo dialógico da Palavra de Deus. Pelo contrário, quando a eucologia é celebrada “em Espírito e Verdade”, ela introduz o fiel na dinâmica da proposta-resposta. Ao perscrutar os textos do Missal, o presidente da celebração descobre que a natureza da homilia não consiste apenas em abordar temas doutrinários ou normas de vida. Na relação entre Escritura e eucologia, a pregação litúrgica proporciona ao batizado a experiência do mistério da graça através da escuta e da celebração. Desse modo, a dimensão mistagógica da homilia conduz a assembleia ao mistério cultural da Igreja através da anamnese atualizadora da Palavra de Deus que se conecta à imensa riqueza dos textos eucológicos (ROMANO, 2012, p. 367). Em suma, “a homilia tem de ser bíblico-eucológica, profundamente envolvida no mistério celebrativo e na vida dos participantes” (ALVARENGA, 2021, p. 169).

A realidade, porém, mostra que os tesouros eucológicos e rituais são ainda muito inexplorados. De fato, segundo A. J. Lambert, “é muito raro ouvir uma homilia sobre uma oração ou sobre um rito litúrgico. Só podemos lamentar, porque isso está previsto nas instruções oficiais” (2004, p. 81). Ao mesmo tempo, vale ressaltar que “não se trata de explicar os ritos ou os símbolos durante a celebração, mas evidenciar alguma parte ou chamar a atenção para algum detalhe particular, motivando a participação e a compreensão da assembleia na ação litúrgica” (CARVALHO; BARBOSA NETO, 2022).

A relação entre a Escritura e o rito, bem como algumas breves referências aos textos eucológicos e aos momentos celebrativos são as linhas mestras para fazer transparecer a dimensão mistagógica da homilia. O povo de Deus, ao contemplar as maravilhas da ritualidade litúrgica, saboreará a riqueza do mistério pascal de Cristo. E não apenas isso. A comunidade, ainda, fará uma experiência incrível e nova dos ritos que por tanto tempo celebraram sem se dar conta da amplitude do seu significado.

Diante do que foi exposto, surge a questão: de que modo a homilia contribui para um processo de mistagogia continuada dos iniciados ao longo do Ano Litúrgico? Para responder a essa pergunta, apresentaremos algumas pistas para ajudar o homiliasta em sua missão de formar perenemente os fiéis na Iniciação à vida Cristã.

3 A MISTAGOGIA PERMANENTE ATRAVÉS DA HOMILIA NO DECURSO DO ANO LITÚRGICO

Tendo em vista a importância da dimensão mistagógica da homilia e a realidade de muitos fiéis iniciados nos sacramentos que ainda mantêm uma visão superficial das celebrações litúrgicas, observa-se a pertinência da contribuição da pregação litúrgica para uma espécie de “mistagogia continuada” dos batizados, a fim de conhecerem e adentrarem mais profundamente o mistério celebrado. Ao mesmo tempo, é bom recordar que “a homilia não substitui um percurso catequético de iniciação à participação nas liturgias, mas colhe a oportunidade oferecida pelo contexto celebrativo para manter viva a compreensão dos símbolos e a participação dos ritos” (BISCONTIN, 2015, p. 41).

A perspectiva de uma mistagogia continuada dos sacramentos já se encontrava no horizonte dos Padres da Igreja. Com efeito, no grupo dos neófitos que deveriam passar pela última fase do itinerário da Iniciação Cristã – o período da mistagogia – estão presentes também os demais fiéis. O comparecimento desses dois tipos de público demonstra que a graça da fé e a conversão pessoal são dimensões que atravessam toda a vida, o que, de algum modo, faz com que sejamos sempre neófitos (CNBB, 2018, n. 99).

Além disso, os Padres também demonstraram que a mistagogia é um método pedagógico-catequético-homilético permanente com o objetivo de fazer entender o que os sacramentos significam para a vida e que seu ensino não se esgota com a entrega e a recepção deles. Nesse percurso, o fiel aprende que a dinâmica da vida cristã é um processo de crescimento rumo à perfeição em Cristo (VOPRADA, 2016, p. 90). Ambrósio de Milão, por exemplo, em seu *Tratado sobre o Evangelho de Lucas* – obra que não é relacionada ao tempo da catequese mistagógica aos neófitos –, para exortar sua assembleia a fugir do pecado, faz uma clara alusão ao batismo: “Conservemos a veste que o Senhor nos vestiu ao sair da fonte sagrada” (1956, p. 192).

O pano de fundo da ritualidade litúrgica oferece muitos meios para uma formação mistagógica continuada através da homilia. A pedagogia do Ano Litúrgico, bem como os gestos, palavras, ritos e sinais ajudam os que presidem às celebrações a conduzir a assembleia a uma participação mais ativa e consciente do mistério celebrado. São momentos em que se personifica e atualiza o mistério salvífico de Cristo realizado no banho batismal, na unção crismal e na mesa eucarística (CARVALHO; BARBOSA NETO, 2022).

Existem alguns momentos do Ano Litúrgico que imediatamente facilitam uma prática mistagógica a partir da homilia. Em relação ao batismo, por exemplo, recordamos as leituras e os ritos da Vigília Pascal, bem como a festa litúrgica do Batismo do Senhor; na solenidade de Pentecostes, é factível alguma referência ao sacramento da crisma; para a eucaristia, de imediato, lembramos a celebração da Quinta-feira Santa e de Corpus Christi. Algumas leituras bíblicas durante o tempo comum transparecem claramente a relação entre a Palavra e a eucaristia, como, por exemplo, o discurso sobre o pão da vida, presente no capítulo sexto do

Evangelho de São João, cujas perícopes são distribuídas ao longo de alguns domingos do ciclo litúrgico do ano B.

Mesmo assim, estamos ainda limitados a alguns momentos específicos, de forma que dificilmente se poderia falar de uma mistagogia continuada para aqueles que já são iniciados à vida cristã. Então, como é que ficam as situações em que não é evidente a relação entre as leituras bíblicas e o rito celebrado? Como a homilia ainda pode transparecer a dimensão mistagógica, sobretudo em vários domingos do tempo comum que abarcam a maior parte do ano litúrgico?

Para superar esse embaraço, cabe àquele que presidirá a celebração meditar não só as perícopes bíblicas, mas também os textos do Missal a serem utilizados. Até mesmo os gestos e os sinais litúrgicos deverão receber atenção da parte do homiliasta. Outro ponto a ser levado em consideração é o contato com obras da era patrística e com textos de outros autores que ajudarão a incrementar a dimensão mistagógica da homilia. Sendo assim, vejamos alguns exemplos dessa dinâmica no decurso do Ano Litúrgico.

Para o tempo do Advento, recordemos uma das aclamações da assembleia após a narrativa da instituição: “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda”². Partindo desse texto, a experiência eucarística se torna uma perene espera pelo retorno do Senhor e perseverar em sua participação é uma forma de manter viva a atitude de vigilância, pois comemos e bebemos até que Ele venha.

A liturgia do Natal oferece alguns elementos inspiradores. Na missa da aurora, há a referência aos pastores que, após o canto dos anjos – “Glória a Deus nas alturas” –, foram depressa a Belém encontrar o menino deitado na manjedoura (Lc 2,15-16). Da mesma forma, após a entoação do “Glória” nas missas, contemplamos a presença do Verbo que se manifesta na Liturgia da Palavra (AROCENA SOLANO, 2009, p. 147), o que faz com que os membros da assembleia revivam a experiência dos pastores em cada celebração. É importante, inclusive, evocar a relação entre a manjedoura e o altar, bem como a etimologia da palavra “Belém”, que significa “Casa do Pão” (MARTINS, 2020, p. 214), uma vez que são temas que impulsionam uma mistagogia eucarística à luz da solenidade natalina.

Para o tempo quaresmal, temos a liturgia do 2º Domingo que apresenta o Cristo transfigurado. O momento celebrativo, por si mesmo, já é uma experiência de estar na montanha sagrada. Com efeito, ouvimos as Escrituras – a Lei e os Profetas, representados respectivamente por Moisés e Elias –, cuja hermenêutica se dá à luz do mistério de Cristo. Também comungamos o Corpo e o Sangue do Senhor, de forma que, pela eucaristia, “ainda na terra participamos das coisas do céu” (oração pós-comunhão do dia), como os apóstolos no alto do monte.

2 Os textos litúrgicos provêm do Missal Romano, conforme referido na lista bibliográfica.

Em relação ao tempo pascal, por exemplo, temos o 4º Domingo, também conhecido como o “Domingo do Bom Pastor”. O Salmo 22, muito lembrado nesse dia, retrata a síntese da Iniciação Cristã: as águas repousantes evocam o batismo; o óleo sobre a cabeça, a crisma; por fim, a mesa preparada recorda a eucaristia (DANIÉLOU, 2013, p. 197-199). Desse modo, o referido texto bíblico resulta em um excelente meio para introduzir os fiéis em uma experiência catequético-mistagógica dos sacramentos.

Ainda nesse mesmo domingo, há o tema da voz do Pastor, muito significativo para ressaltar que é Deus que convoca a assembleia para a celebração da eucaristia. De fato, aquele que preside a celebração é o último que entra, enquanto todo o povo já está acomodado no espaço sagrado. Isso mostra que a comunidade se reúne não por convocação do padre ou do bispo – ou mesmo por iniciativa própria –, mas por vontade de Deus, que faz ressoar sua voz no coração dos fiéis (BOSELLI, 2014, p. 106). Em suma, a igreja não é “casa” do padre ou do bispo, mas ela pertence a Deus, que convida seus filhos a escutar a Palavra e a participar do banquete eucarístico. Dessa forma, um gesto tão simples, isto é, o do presidente da celebração entrar por último, alcança um grande significado à luz da liturgia do 4º Domingo da Páscoa.

A Solenidade da Ascensão abre algumas possibilidades para uma abordagem mistagógica na homilia. Uma vez que o tom da celebração consiste em ter o pensamento e o coração voltados para as coisas do alto, torna-se muito oportuna uma referência ao diálogo invitatório, mais especificamente, à expressão “Corações ao alto”. Cirilo de Jerusalém possui uma catequese muito edificante sobre o tema. Para ele, não basta proclamar com a boca; é fundamental ter o coração e a mente junto a Deus naquela “hora mui tremenda” e, por isso, a assembleia já não deveria mais estar voltada para as preocupações da vida (2004, p. 47). Assim, o homiliasta impulsiona a assembleia a experimentar um clima “ascensional” dentro da celebração em perfeita harmonia com a respectiva solenidade litúrgica.

Em relação ao Tempo Comum, que ocupa a maior parte do ano litúrgico, tomemos como exemplo a liturgia do 29º Domingo do ano A. O evangelho do dia corresponde à perícope de Mt 22,15-21, que versa a respeito do tributo a César. Destacam-se aqui a figura e a inscrição gravadas na moeda, bem como a sentença de Jesus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. A impressão do símbolo de uma autoridade na moeda evoca o selo espiritual recebido no sacramento da confirmação. Na crisma, com efeito, recebemos o dom do Espírito mediante um sinal cristológico, isto é, a cruz sobre a fronte. A mistagogia crismal à luz da perícope mateana permite ao homiliasta mostrar que, pelo sacramento, a assembleia torna-se um “tributo vivo”, pois ela possui a “marca do Rei” que é o Cristo. Por isso, os que receberam a crisma tem a missão de se tornarem um sacrifício espiritual ofertado a Deus, como o próprio Cristo entregou sua vida. No tratado “Sobre os Sacramentos”, Ambrósio de Milão ilumina o homiliasta com sua catequese a respeito do selo espiritual: “Deus, portanto, te ungiu e Cristo te marcou com um selo. Como? Foste marcado com a forma de sua cruz, sinal da sua paixão. Recebeste o sinal para te assemelhar a ele, para que ressuscites à sua imagem, vivas ao exemplo dele, que foi crucificado para o pecado e vive para Deus” (2005, p. 70). Dessa forma, o selo espiritual da crisma recorda aos fiéis a quem eles verdadeiramente pertencem

e, por isso, eles não podem ser submissos aos “césares” deste mundo, que os arrastam para a escravidão do pecado.

A escolha da Oração Eucarística VI-C para a liturgia deste dia enriquece ainda mais a temática. Com efeito, um pouco antes do final do prefácio, encontramos o seguinte trecho: “Por vosso Filho, reunis em uma só família os homens e as mulheres, criados para a glória de vosso nome, redimidos pelo sangue de sua cruz e marcados com o selo do vosso Espírito”. Mais adiante, na epiclese sobre os comungantes, aparece a invocação: “Pela participação neste mistério, ó Pai todo-poderoso, santificai-nos pelo Espírito e concedei que nos tornemos semelhantes à imagem de vosso Filho”. Os vocábulos “selo” e “imagem” realizam uma feliz correspondência com o tema do Evangelho, que não só estimulam a assembleia a reviver a sua dignidade crismal, como também a prepara para a eucaristia daquela celebração.

Ao longo dos domingos do Ano Litúrgico, há também as festas dos Santos. Tomemos como exemplo a Solenidade de São Pedro e São Paulo, partindo do Evangelho da Missa da Vigília (Jo 21,15-19) e do da Missa do Dia (Mt 16,13-19). A perícopes mateana é frequentemente recordada como aquela que fundamenta o primado da fé de Pedro. Mas o texto joanino recorda outra primazia do apóstolo: a do amor. A fé e a caridade são recordadas no momento das intercessões das orações eucarísticas, seja em relação à Igreja como um todo (Oração Eucarística III; VI-D; Sobre a Reconciliação I), seja em relação apenas à pessoa do Papa (Oração Eucarística V). Apesar de o Cânon Romano ser mais convidativo para uso nesta solenidade, cujo prefácio é próprio, a Oração Eucarística III é oportuna no caso de o homiliasta desejar fazer uma ponte entre textos mateano e joanino com os temas da fé e da caridade nas intercessões. Assim, os fiéis descobrem a riqueza deste texto eucológico, que recorda a primazia da fé e do amor, não só com relação ao sucessor de Pedro, como também a toda a Igreja. De fato, a eucaristia impulsiona o batizado, no testemunho de sua vida concreta, a confirmar a fé dos irmãos, bem como a ser o primeiro a amar.

À luz dos exemplos acima, percebemos que a dimensão mistagógica da homilia transpõe não só na relação entre as perícopes e o momento sacramental, mas também ajuda os fiéis a se darem conta da riqueza dos gestos e das palavras expressos nos ritos. A partir desses elementos, a pregação litúrgica tanto proporciona aos batizados a progressão no mistério da ritualidade cristã, como lhes traz um novo sabor para a experiência celebrativa. Ao longo do ano litúrgico, a homilia revela uma mistagogia permanente na vida dos batizados e, assim, contribui para realizar o desejo expresso pelo Concílio Vaticano II de uma participação plena, ativa, consciente, frutuosa e piedosa nos ritos.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto nota-se que há tanto a urgência de um itinerário mistagógico-celebrativo dos iniciados à vida cristã como também há uma busca pela incrementação da dimensão mistagógica na prática homilética. Ao mesmo tempo, observamos que as duas instâncias se tocam, à medida que aquele que preside os ritos se preocupa em introduzir os

fiéis no mistério celebrado através da pregação litúrgica. Para chegar a esse objetivo, importa ao homilista procurar conhecer melhor os textos eucológicos, bem como o sentido dos gestos e dos sinais da ritualidade litúrgica. Dessa forma, em vez de introduzir certas “inovações” de gosto duvidoso para “atrair gente”, é fundamental que o presidente da celebração procure conhecer melhor a riqueza já existente na liturgia da Igreja.

“Queremos discípulos, não somente gente que faz cursinho” (CNBB, 2010, p. 76). Esta frase que aparece na parte final dos Estudos da CNBB sobre a Iniciação à vida cristã soa como um grito de socorro perante a grande defasagem entre a catequese e a liturgia na vida dos batizados. Importa que o povo de Deus descubra que o caminho dos iniciados “é uma experiência integral, que cada um vai viver a seu jeito, mas sempre em comunidade, sem ‘ponto final de chegada’” (CNBB, 2010, n. 162), pois, no fundo, o iniciado é um “neófito permanente”.

Em vista desse “discipulado permanente”, a mistagogia homilética é um dos meios para os catequizados superarem a presunção de julgar ser suficiente ter feito um “cursinho” de alguns meses. Com o tempo, na verdade, eles perceberão quão gratificante é a experiência de descobrir e redescobrir a beleza e a densidade dos ritos no decurso de toda uma vida.

SIGLAS

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

SC – *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, José. *A mesa da Palavra I: Elenco das Leituras da Missa*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ALDAZÁBAL, José. *Ministério da homilia*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- ALVARENGA, Marcel Gustavo. *Homilia e realidade: elementos constitutivos da pregação homilética. Pesquisas em Teologia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 158-171, jan./jun. 2021.
- AMBRÓSIO DE MILÃO. *Explicação do símbolo; Sobre os sacramentos; Sobre os mistérios; Sobre a penitência*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- AMBROISE DE MILAN. *Traité sur l'Évangile de S. Luc*. Paris: Cerf, 1956, v. I. (Sources Chrétiennes, n. 45).
- AROCENA SOLANO, Félix María. Palabra y Eucaristía. *Scripta Theologica*, Navarra, v. 41, n. 1, 2009.
- BISCONTIN, Chino. *Pregar a palavra: a ciência e a arte da pregação*. Brasília: CNBB, 2015.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2014.
- CARVALHO, Humberto Robson de; BARBOSA NETO, João dos Santos. *Catequese, Liturgia e Mistagogia*. São Paulo: Paulus, 2022. Livro eletrônico.
- CATELLA, Alceste. Eucologia. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de homilética*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2010. p. 567-571.
- CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese mistagógicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia. Petrópolis: Vozes, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (Col. Documentos da CNBB, 84).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã*: itinerário para formar discípulos missionários. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Col. Documentos da CNBB, 107).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã*: um processo de inspiração catecumenal. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Col. Estudos da CNBB, 97).

DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e Liturgia*: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

EVENOU, Jean. Iniciação Cristã. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de homilética*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2010. p. 798-803.

LAMBERT, Arnaud Join. Du sermon à l'homélie: nouvelles questions théologiques et pastorales. *Nouvelle Revue Théologique*, Bruxelles, v. 126, n. 1, p. 68-85, Janvier-Mars. 2004.

MAGRASSI, Mariano. *Viver a palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. A peregrinação de Jerônimo e Paula. *Translatio*, Porto Alegre, n. 20, p. 198-230, dez. 2020.

MAZZA, Enrico. Mistagogia. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de homilética*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2010. p. 1131-1138.

MORANTE, Giuseppe. Catequese hoje. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de homilética*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2010. p. 290-295.

ROLLEMBERG, Maria do Carmo Ezequiel. Catequese e Liturgia para a educação da fé: duas vias e um objetivo. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 73-87, jan./abr. 2022.

ROMANO, Antonino. Il nesso tra “omelia divina” e catechesi: la mistagogia della parola come “eco del Verbum in Ecclesia”. *Rivista Liturgica*, Padova, v. 99, n. 2, p. 358-367, Marzo-Aprile 2012.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992. (24ª reimpressão: 2020).

VOPRADA, David. *La mistagogia del commento al Salmo 118 di Sant'Ambrogio*. Roma: Istituto Patristicum Augustinianum, 2016.